



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13189 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

AMAZONIZAR A EDUCAÇÃO POPULAR: PRÁTICAS EDUCATIVAS DE UM NÚCLEO UNIVERSITÁRIO

Sullivan Ferreira de Souza - UFPA - Universidade Federal do Pará

Ivanilde Apoluceno de Oliveira - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Tânia Regina Lobato dos Santos - UEPA - Universidade do Estado do Pará

AMAZONIZAR A EDUCAÇÃO POPULAR: PRÁTICAS EDUCATIVAS DE UM NÚCLEO UNIVERSITÁRIO

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas educativas dos (as) educadores (as) populares de um Núcleo Universitário de Educação Popular (NEP). Metodologicamente é um estudo qualitativo, uma investigação-ação-participativa e com uso de entrevistas narrativas. No texto são apresentados relatos 03 entrevistas de educadores(as) do NEP. A formação do território educativo popular, emerge do entrelaçamento de saberes, percursos, práticas e sujeitos populares, ou seja, se institui nas reflexões/ações geradas nos encontros da universidade com os espaços socioeducativos, encontro que ocorre tanto na sala do NEP, quanto nas escolas públicas, hospitais, centros comunitários, movimentos sociais e organizações não governamentais onde atua.

Palavras-chave: Educação Popular, Prática Educativa, Amazônia, Territórios Educativos.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas educativas dos (as) educadores (as) populares de um Núcleo Universitário de Educação Popular (NEP) e formação pedagógica, política e epistemológica dos “territórios educativos populares”. É a partir das experiências coletivas e as articulações do coletivo de educação popular com os diferentes espaços socioeducativos que os (as) educadores (as) vão construindo territórios educativos populares. Esse coletivo vem ao longo dos seus 28 anos, com base na concepção

de educação popular de Paulo Freire, contribuindo para pensar pedagogias críticas, descolonizadoras, interculturais, pedagogias em movimento que vem *amazonizando* o movimento de educação popular na América Latina e Caribe. Educação dialógica, crítica e engajada ética e politicamente com as classes populares. Educação compreendida por Freire (1986, p.49) com a tarefa de “denunciar e de atuar contra a tarefa de reproduzir a ideologia dominante”, visando possibilitar uma visão crítica de mundo e a transformação social. Metodologicamente é um estudo qualitativo, é uma investigação-ação-participativa e com uso de entrevistas narrativas. Foram entrevistados os seguintes sujeitos: Educadora Araguaia, Educador Orinoco, Educadora Tapajós, Educadora Xingu. Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos interlocutores. (MINAYO, 1994; BRANDÃO & BORGES, 2007).

Amazonizar desde o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP)

O NEP é herdeiro do legado educativo popular libertador Latino-americano e caribenho. É um coletivo de educadores populares que estão circunscritos na região amazônica, isto é, traz como elemento constituinte da sua identidade a biodiversidade da região, a diversidade de sujeitos amazônidas, as especificidades territoriais e as complexas relações com os rios, estradas e florestas.

A Amazônia é conjunto de ecorregiões fundamentais para o equilíbrio e desenvolvimento das dinâmicas socioambientais do Brasil e do mundo. Oliveira Neto e Rodrigues (2008) demonstram a diversidade de pessoas, povos e comunidades amazônicas, destacam que em cada Amazônia, há uma ampla e diversa constituição de identidades, de práticas sociais, elaborações educativas e criações epistemológicas e ontológicas, uma vez que, “cada uma dessas “Amazônias” representa um lugar de determinados atores e grupos sociais, que produzem e reproduzem suas práticas sociais cotidianas, imprimindo assim características próprias a cada um desses lugares”. (OLIVEIRA NETO, RODRIGUES, 2008, p. 26). É na região metropolitana de Belém, forjada pelas suas relações com as florestas, estradas e rios que se inserem as vivências políticas e pedagógicas do Núcleo de Educação Popular, o NEP.

De acordo com Olivera, Mota Neto e Santos (2018, p.07) a matriz formativa dos educadores do Núcleo “tem por base a pesquisa e a práxis (reflexão-ação) como princípios educacionais que permitem a produção de textos contendo narrativas críticas das pesquisas e práticas educacionais realizadas, que contribuem para o pensar sobre a prática para transformá-la, bem como para o aprofundamento teórico- metodológico da educação de Paulo Freire”.

As atividades educativas do NEP são arquitetadas desde as vivências cotidianas e sistematizadas em cadernos pedagógicos, livros, oficinas, materiais audiovisuais, formações continuadas entre outras produções. O Núcleo se organizadas atualmente são 08 (oito) em Grupos de Estudos e Trabalhos (GETs). O NEP constrói territórios educativos populares que estão inicialmente centralizados em uma universidade pública do Estado do Pará, esse é o

locus físico e geográfico, é inicialmente no ambiente universitário que se consolida como núcleo propulsor de territórios educativos populares. É no seio universitário que são construídos os encontros, as formações, produções e articulações com a escola pública, os hospitais e instituições governamentais e não governamentais.

As territorialidades educativas populares

As territorialidades educativas populares são práticas pedagógicas itinerantes, ou seja, as relações educativas populares críticas, descolonizadoras e libertadoras são cultivadas e irrigadas em diferentes espaços socioeducativos, movimentos sociais, instituições de ensino, organizações não governamentais e instituições públicas. Essas práticas possuem aspectos territoriais, geográficos, culturais, étnicos, religiosos, econômicos, políticos entre outras dimensões da vida social. É nessas combinações que institui um território educativo popular. (ZIBECHI, 2007; SANTOS E SILVEIRA, 2006; WAHREN. 2011).

O NEP articula suas ações em lugares que são cedidos por outras instituições, são espaços negociados com outras organizações e compartilhados com outros profissionais, como: professores/as de escola pública, coordenadores/as pedagógicos/as, médicos/as, enfermeiros/as, técnicos/as da área da saúde, cuidadores/as de idosos/as, psicólogos/as, assistentes sociais, voluntários/as, militantes etc., espaços/tempos que reivindicam uma reconfiguração constante das relações sociais e pedagógicas.

É no encontro de alteridades e no desenvolvimento do trabalho pedagógico, que vivencia, em alguns momentos, aspectos burocráticos e, em outros, libertários, mas é na práxis engajada e comprometida com os oprimidos que faz da luta pela libertação, um movimento constante; é na produção e na reprodução de desejos e de sentidos, nos conflitos políticos e nas concepções de mundo criadas, que eclodem relações pedagógicas que conformam um território educativo popular.

Como se pode destacar esses territórios educativos populares são constituídos em diversos bairros e instituições da Região Metropolitana de Belém e recebem sujeitos/as de distintos lugares. Esses contextos possuem peculiaridades e características próprias que demarcam esse território educativo, Para Educadora Amazonas:

Em cada contexto e cada espaço que nós temos de atuação, a gente tem uma problemática diferenciada, então são 07 anos atuando no Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana e Filosofia (GETEFF/NEP), então cada turma, em cada ano, em cada contexto, tem problemáticas diferentes [...]. (EDUCADORA AMAZONAS, 2020, COMUNICAÇÃO ORAL).

Os GETs enfrentam contextos diversos e com dinâmica desafiadoras, surgem incertezas e intempéries do cotidiano. Nas entrevistas realizadas, é possível visualizar e compreender as variações contextuais, políticas, pedagógicas e organizacionais. Uma prática

pedagógica itinerante, não é uma pedagogia do acaso ou do improvisado e nem do trabalho pedagógico descompromissado, é uma pedagogia atenta e criativa às contingências do cotidiano.

A Educadora Araguaia, destaca que:

[...] quando eu cheguei lá (espaço de acolhimento) e vi várias mulheres que passaram por um acidente grave, o escarpelamento, quando o barco engata no cabelo, da mulher ou da menina, arranca total ou parcialmente o couro cabeludo, muitas chegam a não resistir e morrem na hora, outras resistem e passam por muitas cirurgias. Passam por tratamento a vida inteira, elas sentem dor o tempo todo [...] (EDUCADORA ARAGUAIA, 2020, COMUNICAÇÃO ORAL).

Esse encontro com as mulheres ribeirinhas da classe hospitalar é atravessado por dores, perdas, memórias, violências e afetos. Nesse encontro a prática educativa desenvolvida na universidade se encontra com outras situações vividas nesse espaço socioeducativo e ressignificam a relação universidade e espaços socioeducativos fora da universidade.

Neste sentido, o NEP constitui uma comunidade aprendente, ou seja, a que aprende a ser comunidade ao aprender a criar e compartilhar o saber, constituindo-se em uma “equipe de criação solidária do *saber-com-que-se-aprende*”, como afirma Brandão (2002, p.348), referindo-se ao pensamento de Paulo Freire. Constitui, ainda, a formação do NEP uma ação permanente, que se processa nos encontros semanais do Núcleo, nos encontros pedagógicos de planejamento e das práticas educativas.

Os (as) educadores (as) do NEP no espaço hospitalar possuem vivências demarcadas por concepções de cuidado, solidariedade de classe e afetividade, atravessadas por lutas por garantia dos direitos e efetivação da saúde pública humanizada.

No âmbito da escola pública o NEP vem desenvolvendo projetos educacionais de enfrentamento de preconceitos, discriminações e violências, visando processos educativos inclusivos e emancipadores, bem como a autonomia e o empoderamento dos sujeitos, mediante uma educação dialógica e crítica.

Para o Educador Orinoco:

Fiquei numa escola fundamental no bairro da Sacramento [...] que é uma das periferias mais violentas de Belém [...] o perfil dos educandos é de quem vem desses espaços de muita violência [...] a escola em si, era o símbolo dessa violência, a gente ficou numa turma que legalmente não deveria existir; era uma turma especial, com alunos reprovados, era uma turma de educandos que era o reflexo de uma violência estatal. (EDUCADOR ORINOCO, 2020, COMUNICAÇÃO ORAL).

A atuação das (os) educadoras (es) estão circunscritos em bairros periféricos e centrais. Os bairros periféricos, em sua maioria, são constituídos pela presença precária dos serviços públicos e pela presença repressiva do Estado. Assim, a “pedagogia que caminha” do

NEP é redesenhada a partir dessas dimensões. Pedagogias outras, que buscam compreender os diferentes tipos de violências. E, a partir dessa compreensão, elaborar estratégias conjuntas com os saberes constituídos nos encontros. Constituem “práticas que têm como base para a problematização social temas geradores provenientes do contexto sociocultural. [...] valorizando-se os saberes, as experiências de vida e as práticas sociais locais. (OLIVEIRA, MOTA NETO, 2015, p. 23).

É importante destacar que esses territórios educativos populares são permeados (as) por saberes e práticas que ajudarão a combater essas violências e construir outras formas de estar no mundo e com os (as) outros (as). A Educadora Tapajós (2020, COMUNICAÇÃO ORAL) fala da sua experiência educativas com pessoas idosas afirma: “*a unidade de acolhimento de idosos é composta por pessoas que moram no espaço, porque foram abandonados pela família, ou encaminhados pelo poder público municipal [...] o Estado acaba tutelando, o poder estatal tutela esse idoso, e conduz para o lar de acolhimento*”.

A unidade de acolhimento de idosos, então, desafia os (as) educadores (as) a investigar os diversos momentos da vida humana. As dinâmicas da vida e as singularidades desses aspectos geracionais, e relacionar com outros marcadores sociais diversos. Isso exige práxis pedagógicas que dialoguem com essas especificidades, corporeidades e subjetividades durante o momento de envelhecimento.

Segundo a Educadora Xingu (2020, COMUNICAÇÃO ORAL) a escuta é fundamental “*o idoso gosta de contar tudo o que acontece com ele, sejam coisas boas ou ruins, principalmente o passado deles, tinha muitos idosos que tinha passados muito tristes sabe, tu tinhas que se sentar e ouvir, porque aquele era o momento para ele desabafar*”. Conforme Freire (2007, p. 113) “*é escutando que aprendemos a falar com eles*” (grifos do autor)

Desta forma, as relações pedagógicas do NEP são remodeladas pela relação com o Outro. Essa reconstrução de novos entendimentos sobre o aprender dos (as) educandos (as) não é um processo fácil e harmonioso. Não é apenas uma mudança metodológica, não é apenas um problema de como ensinar-aprender, esses aspectos são debatidos em todos os processos educativos, é para além disso, são processos de transformação coletiva e individual, um abrir-se para a autotransformação que é inerente ao cotidiano da Educação Popular. Assim, a formação do território educativo popular do NEP se constitui em um Amazonizar, que compreende o entrelaçamento de espaços, sujeitos, saberes e práticas reflexivas do contexto Amazônico.

Considerações Finais

As práticas educativas do NEP nos ajudam a pensar e a falar sobre a educação popular em movimento, considerando que toda prática pedagógica é dinâmica, é reinventada e ocorre em qualquer lugar, seja na sala de aula, na rua ou em uma ocupação. É uma pedagogia que transita com os (as) educandos (as) no mundo, dialoga com educadores locais, nacionais e da América latina. A formação do território educativo popular, emerge do entrelaçamento de

saberes, percursos, práticas e sujeitos populares, ou seja, se institui nas reflexões/ações geradas nos encontros da universidade com os espaços socioeducativos.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA NETO, Adolfo da Costa, RODRIGUES, Denise Souza Simões. O lugar de estar sendo dos sujeitos amazônidas rurais-ribeirinhos. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. (Org.) Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2008.

ZIBECHI, Raúl. Territorios en resistencia: cartografía política de las periferias urbanas latinoamericanas. Buenos Aires: Lavaca Editora, 2007.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, María Laura. O Brasil: território e sociedade do início do século XXI. 9ª ED. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WAHREN, Juan. Territorios Insurgentes: La dimensión territorial en los movimientos sociales de América Latina. IX Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

MOTA NETO, João Colares; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. Caderno de atividades pedagógicas em educação popular: relatos de pesquisas e de práticas educacionais.: Belém - PA: Universidade do Estado do Pará-Núcleo de Educação Popular Paulo Freire,2015.